



ISSN: 1983-8379

## O desassossego da modernidade de Bernardo Soares

Joyce Scoralick Silvestre<sup>1</sup>

**RESUMO** Este trabalho analisa aspectos da melancolia como elemento da modernidade e como isso se configura no moderno europeu. Tendo como objeto o Livro do Desassossego de Fernando Pessoa, analisamos como ele vai escrever a partir/ com a modernidade em que vive.

Palavras-chave: desassossego, modernidade, fragmentação.

**ABSTRACT** This paper analyses aspects of the melancholia as an element of the modernity and how this combination puts itself in the European modern. By having as object the *Livro do Desassossego* by Fernando Pessoa, we analyzed how he writes from/ with the modernity that he lives in.

Key-words: disquiet, modernity, fragmentation.

### Introdução

A palavra *moderno* (iniciada com minúscula) é tão ampla quanto se pode imaginar. Dentro daquilo que Lefebvre nos dirá acerca de tal conceito, podemos destacar que se referirá a publicidade, propaganda, moda; é um adjetivo que dará àquilo a que se refere uma conotação daquilo que é contemporâneo ou de vanguarda, novo. É de fato uma ideia bastante ampla.

Já no caso do termo *Modernismo*, o teórico nos mostra que aquilo que faz parte de tal movimento quer impor-se, inclusive com certo terrorismo. Expressa também aquilo que tem relação com a novidade e traz também virtual aquisição do classicismo e rejeição daquele que não se enquadrar no modelo (o que se relaciona com o terrorismo já citado) e traz em si certa carga de esnobismo.

Acerca desses dois conceitos, Lefebvre tece uma relação bastante interessante: “Nossa Modernidade tem, pois, como companheiro e cortejo um Modernismo que lhe pertence” e este tem um “sistema deliberado de trapaça” sem “substância verdadeira.” (LEFEBVRE, 1962, p. 218). É proveitoso notar que o autor usa o pronome nossa ao referir-se a modernidade, nos dando a noção de que não há uma modernidade única, um modelo que coexista em vários

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora



ISSN: 1983-8379

lugares ou épocas. Além disso, o Modernismo é colocado como uma característica que acompanha esse estado de modernidade em que nos encontramos, ou seja, o Modernismo não é ou resume a modernidade: ele está nela. As duas últimas considerações que o teórico faz a respeito do Modernismo nos apresentam as noções de terrorismo, de aceleração de mudanças e fluidez tão característicos da contemporaneidade.

Em tempo, observemos que o termo *Modernidade* (que o autor não define, apresenta antes um panorama com exemplos) encerra contradições profundas a partir de sua análise. Há que se compreender as contradições *essenciais* (da essência) da Modernidade. A fluidez, o descentramento e a fragmentação que permeia e atinge as relações, instituições, personalidades e pessoas faz com que projetos não consigam se bastar ou consolidar. Nesta citação torna-se claro o que Lefebvre quer transmitir:

Tudo se passa como se a “desestruturação” atingisse as estruturas antes mesmo que elas tivessem conquistado equilíbrio e coerência internas, integrando-as em novos conjuntos já ameaçados pelas contradições e pelo negativo. Não há equilíbrio e coerência nas noções de classe e nação. Tudo se passa como se o “mundial” não pudesse representar-se como estrutura longínqua e como equilíbrio possível. (LEFEBVRE, 1962, p. 219).

O conceito de moderno foi, muitas vezes, entendido em oposição àquilo que era antigo. Mais tarde relaciona-se com moda, com o novo, trazendo inclusive um preconceito com relação àquilo que não se encaixa nesse *moderno*. É importante lembrar que são conceitos não-históricos, no sentido de período histórico. Lefebvre fala também da “auto-exaltação do modernismo”, um quase fetichismo em cima daquilo que ele carrega em si, o que superaria o próprio modernismo, mais forte e presente que ele.

O teórico delinea certa diferença entre Marx e Baudelaire na questão. Para Marx, aquilo que se refere ao moderno é essencialmente político (pela abstração e pela dualidade). Apela para a “natureza extraviada, perdida, quebrada pela cisão, pela cultura e pelo conhecimento” (LEFEBVRE, 1962, p. 201). Para Baudelaire, que é o que nos interessa, é artístico: para ele é “o efêmero, a moda e o mundano como inverso do eterno na dualidade humana”. (LEFEBVRE, 1962, p. 200). A flor do cotidiano, feminilizado, aquilo que há de mais relacionado com o contemporâneo, a moda, a novidade.



ISSN: 1983-8379

## No Livro do Desassossego

“O poeta, digamos, aceita e no entanto não aceita o dilaceramento e a cisão que constata no seio do real [...]. Partindo de uma decisão, a vontade de criar, ele toma desse real o dado e a matéria da obra poética” (LEFEBVRE, 1962, p.204). A criação a partir daquilo que se vive é patente no *Livro do Desassossego*. Nessa obra, Fernando Pessoa constroi, naquilo que nela mesma chama de “auto-biografia sem factos”, um relato das impressões, afetos, sensações e vivências do guardador de livros lisbonense Bernardo Soares. Ainda que tomemos como correta a afirmação da falta de fatos no livro, nos é interessante a observação de que o resultado da obra é um panorama bastante rico dos desassossegos que acometiam Soares. A partir de descrições com foco em seu cotidiano (o que já nos remete à modernidade), o que há de fragmentado, desiludido, descentrado, deslocado, angustiado naquilo que perpassava a vida do narrador nos dá a clara noção do mergulho na modernidade em que este se encontrava.

Retomando um pouco a modernidade em Baudelaire para ampliar para a Modernidade “em si”: de certa maneira, a fragmentação atinge o artista no fracasso da *práxis* revolucionária nesse poeta maldito que odeia a burguesia. “O poeta apodera-se da dualidade e do dilaceramento” (LEFEBVRE, 1962, p. 203). Esse dilaceramento é cabal no *Livro do Desassossego*. Se não se tratasse de um dilaceramento desconcertante, a obra não teria, realmente, fatos em que se apoiar. Queremos dizer: o *Livro do Desassossego* só toma corpo porque Bernardo Soares escreveu aquilo que nele era fragmentado e incomodativo. Questões que nos ajudam a pensar isso: por que esse título? Por que escrever tal livro, já que a *práxis*, o empirismo, o cientificismo não se incluem nessa obra, que se constitui basicamente de observações e registros de sensações, impressões? É o dilaceramento que pede para ser escrito.

De acordo com a psicanalista Suely Rolnik, a escrita é o resultado inevitável, uma atividade irresistível para aqueles que sofrem aquilo que ela chamará de “marcas”. Tais marcas são estados sempre inéditos em que nos encontramos por estarmos sempre à mercê daquilo que é passível de nos atingir e modificar. Sempre vivendo, convivendo, estamos



ISSN: 1983-8379

abertos a sermos atingidos e tais experiências, muitas vezes violentas, deixam em nós marcas que necessitam tratamento. Vejamos:

Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (ROLNIK, 1993, p. 242, grifo nosso).

Tais devires serão sempre novas necessidades, novos estados que exigirão tratamento. Lembremos do conceito deleuzeano de “clínica” que, ao ser analisado em convergência com o que estamos analisando, nos mostra que a escrita pode configurar tratamento para os sofrimentos que nos atingem. E como as marcas são gênese de um devir, e o devir sempre é novo, não parece possível deixar de escrever sempre que se é marcado. Escrevendo, se pode “traçar linhas de fuga” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 56).

A relação da fragmentação moderna com o discurso se enriquece se lembrarmos também da insuficiência do verbo, de que nos falam Deleuze e Lefebvre “Ela deixa entrever suas insuficiências. Não é o absoluto humano. A dúvida sob o ponto de vista da linguagem acompanha os fetichismos do Logos, do discurso, da comunicação, da significação.” (LEFEBVRE, 1962, p. 206/207). Ora, é possível entrever, então, uma relação entre a crise da palavra, do discurso, com a crise que a modernidade representa, o descontínuo de que nos fala Lefebvre: o pré-guerra, a guerra, as novas técnicas na arte e na guerra entram na vida cotidiana: eletricidade, motor a explosão e mesmo o avião. Paralelamente, a ciência nos microscópicos, que avançava sem que se soubesse muito sobre eles ou o que significariam na prática da vida de cada um. O individualismo vai diminuindo, colocando o coletivo como imperativo (LEFEBVRE, 1962). O indivíduo, sobretudo o melancólico, sentirá o medo de perder-se na coletividade iluminada por lâmpadas: escreve, produz, cataloga, eterniza.

Então é mesmo o *descontínuo* que invade. Se entendermos que uma época vislumbra a próxima e o modernismo tem em si a característica de tentativa de ruptura com o antigo (ainda que o agrave, como nesse caso), há que se entender que a época anterior à explosão moderna (século XIX) trouxe muitas continuidades: o esquema de estudo contínuo matemático de Darwin foi esticado até abarcar filosofia, sociologia, dando a tudo seu ar contínuo. Agora, os especialistas vêm para contestar, a noção de estrutura (na linguística, na

4



ISSN: 1983-8379

física) vem com suas “partes”, suas divisões, a noção de processo ganha campo. São mais importantes os pedaços, os processos, os caminhos, as divisões para que se entenda o todo. Não é de se admirar que a angústia tenha dominado certa parte da sociedade, já que o descontínuo causa desconforto, o coletivo massacra o individual e o desconhecido causa medo, provoca, marca.

A partir da análise dialética, Lefebvre chega a vários pontos para descrever a Modernidade da maneira mais geral possível. Atenhamos-nos à melancolia e ao desassossego, que nos interessam no trabalho:

A inquietude e a angústia, o sentimento de solidão acentuam-se” (lefe 221). Sempre houve, mas agora há o conflito entre os grandes centros, as superorganizações e o indivíduo, acuado. “rede de relações e de comunicações tornando-se mais densas, mais eficientes, ao mesmo tempo o isolamento da consciência individual e o desconhecimento do ‘próximo’ agravam-se” (LEFEBVRE, 1962, p. 221).

Somado a isso, o próprio conceito de bem estar, superado o do século XIX, aliado à necessidade total de segurança é também opressor. Como estar bem se sempre se propaga a *necessidade de*?

Lembremos rapidamente ainda os exemplos de crueldade que foram expostos e revividos (genocídios, guerras, exterminações maciças). Curioso quadro: proclamação do conforto somado à ferocidade; aumentando a descontinuação, os paradoxos, as cisões, a heterogeneidade. “A necessidade de segurança acompanha a insegurança” (LEFEBVRE, 1962, p. 222).

### **Considerações finais**

Qual a necessidade de um livro em um momento em que não se sabe? Em que as incertezas dominam e paralisam, em que o indivíduo não importa na massa gigantesca que cresce? Escreve-se exatamente porque se está em tal situação. No Livro do Desassossego, não tão analisado no presente trabalho quanto suas características modernas, representa um grito de talvez clínica de um homem (ou vários) reprimidos em um ambiente que o(s) queria calado, minimizado, proletário, “mais um”.



ISSN: 1983-8379

Desassossegado, Soares sabia que sua história desprovida de fatos era mais recheada deles por denunciar que o desassossego, a angústia e os afetos ali descritos eram a prova cabal de que ele era um homem que muito sabia de seu tempo, dos homens presentes, da vida presente.

### Referências

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1997.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Organização: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROLNIK, Suely. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. In: *Cadernos de subjetividade*. São Paulo: PUC 1993, nº 2.